

SOBREVIVENDO AO ESTIGMA DA HIPERTROFIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O FISCULTURISMO FEMININO

Rafael da Silva Mattos¹, Eliane Grivet², Juliana Brandão Pinto de Castro³, Wecisley Ribeiro do Espírito Santo⁴, César Sabino⁵, Jeferson José Moebus Retondar⁶, Dirceu Gama⁷

1- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Saúde Coletiva (IMS-UERJ).

profmattos2010@gmail.com

2- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestranda em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE - UERJ). elianegrivet@yahoo.com.br

3- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE - UERJ). julianabrandaoflp@hotmail.com

4- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRJ). wecisley@yahoo.com.br

5- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia e Antropologia (UFRJ). sabino350@gmail.com

6- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Educação Física (UGF/RJ). retondar@oi.com.br

7- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia (UGF/RJ). paula.dirceu@hotmail.com

RESUMO

Este estudo objetivou compreender o estigma da imagem do corpo hipertrofiado das fisiculturistas da modalidade *bodybuilding* em diferentes espaços sociais e as respectivas implicações na vida cotidiana dessas mulheres. O referencial teórico-conceitual selecionado foi a teoria de Erving Goffman, privilegiando o conceito de estigma e de representação do eu; e a teoria de L. Wacquant sobre a construção socioantropológica do objeto de estudo a partir do próprio corpo. Para compreender os sentidos dessa problemática, realizou-se uma pesquisa qualitativa de campo etnográfico e entrevistas em academias de fisiculturismo no bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Observou-se que, na construção de um corpo com

grande volume muscular, para alcançar os padrões estéticos da modalidade, exagera-se no consumo de suplementos e esteroides anabolizantes andrógenos. A fim de obter uma imagem de corpo ideal, essas mulheres constroem uma espécie de obsessão por um corpo forte, musculoso, com baixo percentual de gordura e, ao mesmo tempo, maternal e feminino. Desse modo, permeia a desconstrução da imagem social da mulher frágil e dócil na história sociocultural do gênero feminino. Conclui-se que o *bodybuilding* insere-se num grupo específico da sociedade contemporânea, reconhecida dentro dos espaços sociais de competições, adquirindo poder simbólico. Simultaneamente, as fisiculturistas tendem a ser estigmatizadas nas academias de musculação por serem consideradas exageradas, desproporcionais e monstruosas.

Palavras-Chave: Estigma, Gênero, Fisiculturismo, Educação Física, Imagem Corporal.

SURVIVING THE STIGMA OF HYPERTROPHY: ETHNOGRAPHIC NOTES ON FEMALE BODYBUILDING

ABSTRACT

This study aimed to understand the stigma of the body image of female bodybuilders of the modality Female Bodybuilding in different social spaces and the respective implications in the daily life of these women. The theoretical-conceptual framework selected for the research was Erving Goffman's theory, privileging the concept of stigma and self-representation; and L. Wacquant theory on the socio-anthropological construction of the object of study from the body itself. To understand the meanings of this problem, a qualitative research ethnographic field and interviews with bodybuilding academies was carried out in the southern area of Rio de Janeiro. It was observed that, in the construction of a body with great muscular volume, to reach the aesthetic standards of the modality, there is an exaggeration in the consumption of supplements and anabolic androgens steroids. In order to obtain an ideal body image, these women construct a kind of obsession with a strong, muscular body with a low percentage of fat and, at the same time, maternal and feminine. Therefore, permeates the deconstruction of the social image of the fragile and docile woman in the sociocultural history of the female gender. It was concluded that bodybuilding is part of a specific group of the contemporary society, recognized within the social spaces of competitions, acquiring symbolic power. Simultaneously, female bodybuilders tend to be stigmatized in bodybuilding academies for being considered exaggerated, disproportionate and monstrous.

Keywords: Stigma, Gender, Bodybuilding, Physical Education, Body Image.

SOBREVIVIR AL ESTIGMA DE LA HIPERTROFIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE EL CULTURISMO FEMENINO

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender el estigma de la imagen corporal hipertrofiada de las culturistas en diferentes espacios sociales y las implicaciones respectivas en la vida diaria de estas mujeres. El marco teórico-conceptual seleccionado fue la teoría de Erving Goffman, privilegiando el concepto de estigma y representación del yo; y la teoría de L. Wacquant sobre la construcción socioantropológica del objeto de estudio desde el propio cuerpo. Para comprender los significados de este problema, se realizó una investigación cualitativa del campo etnográfico y entrevistas en academias de musculación en el vecindario de la zona sur de Río de Janeiro. Se observó que en la construcción de un cuerpo con gran volumen muscular, para alcanzar los estándares estéticos de la modalidad, se exagera en el

consumo de esteroides anabólicos y suplementos de andrógenos. Para obtener una imagen corporal ideal, estas mujeres acumulan una especie de obsesión con un cuerpo fuerte y musculoso con un bajo porcentaje de grasa y, al mismo tiempo, maternal y femenino. De esta manera, impregna la deconstrucción de la imagen social de la mujer frágil y dócil en la historia sociocultural del género femenino. Concluimos que el culturismo es parte de un grupo específico de la sociedad contemporánea, reconocido dentro de los espacios sociales de las competiciones, que adquiere poder simbólico. Al mismo tiempo, las culturistas tienden a ser estigmatizadas en las academias de culturismo porque son considerados exageradas, desproporcionadas y monstruosas.

Palabras clave: Estigma, Género, Culturismo, Educación Física, Imagen Corporal.

INTRODUÇÃO

O fisiculturismo é uma modalidade competitiva da musculação, cujo propósito é obter o máximo de volume muscular possível, com simetria e harmonia entre os grupamentos musculares. Esses elementos determinam o padrão estético da competição. Essa modalidade, inserida hegemonicamente na década de 80, surgiu com uma lógica voltada para a construção de um corpo masculino viril e saudável, visando grande volume muscular e baixa adiposidade. Nesse período, o público consumidor era composto, predominantemente, por homens, porém, atualmente, o fisiculturismo encontra também aceitação e procura entre as mulheres (BOTELHO, 2009).

Segundo Sabino e Luz (2007), o fisiculturismo é uma prática de aprimoramento da forma física, que tem como objetivo a realização de uma estética e de uma ética em estado prático que remete a uma visão de mundo radicada na virilidade e na honra, no vigor e na força do corpo e da imagem, na determinação e abnegação, e em uma concepção específica de saúde e gênero. Para os autores:

Gênero [...] é entendido como produto e construção de representações e práticas sociais situadas em tempos e espaços específicos e não como dado natural, mas construção sócio-cultural. Esta construção (representações e práticas) divide e dispõe o mundo em hierarquias estabelecidas por intermédio de características interpretadas biologicamente como pertencendo à condição de homem ou mulher. As diferenças naturais são transformadas em desigualdades justificadas pelo discurso biologizante do senso comum, que entende a condição feminina, e toda sua caracterização, como inferior à masculina. Assim, as características consideradas “de mulher” estão associadas à condição inferior, ao fraco, interno, sutil, submisso, etc. sendo as características masculinas o contrário e representando domínio, autoridade, excelência (p. 52).

Adelman (2003) afirma que prática esportiva feminina se constrói como um campo de definição e redefinições de significados sobre o corpo feminino, a feminilidade, e o ser mulher. A “verdadeira feminilidade” da meiga, gentil e fisicamente frágil mulher doméstica da cultura vitoriana, padrão hegemônico nas diversas sociedades ocidentais até o início do século XX, vinculava-se a um *status* social de elite. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e com os diversos movimentos feministas, o padrão da fragilidade feminina transforma-se, aos poucos, para um modelo de mulher ativa e independente. A cultura de beleza feminina e o corpo feminino “ideal” torna-se aquele que é magro e firme, embora não “musculoso demais” (PERROT; DUBY; FRAISSE, 1994).

Assim sendo, esse artigo busca problematizar questões como: o corpo da fisiculturista feminina é um corpo estigmatizado? Portanto, o objetivo da presente pesquisa é compreender o estigma do corpo hipertrofiado da mulher fisiculturista em diferentes espaços sociais e suas implicações na vida cotidiana. Isso remete à questão crucial de o corpo ser o espaço de construção biopolítica¹, ou seja, se ele é a instância sobre a qual recaem opressões sociais radicadas em paradigmas estéticos e sexuais tradicionais, pode ser, também, simultaneamente, lugar de resistência e de reinvenção e subversão desses mesmos paradigmas. Com efeito, o corpo é, por excelência, o espaço micropolítico² intenso por

¹ A biopolítica, de acordo com Foucault (1989) é a maneira pela qual o poder visa a administrar e governar não apenas a vida dos indivíduos, mas, também, a vida das populações em geral, ocupando-se da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade e da reprodução; transformando-as em preocupações políticas e em processo de organização institucional, assim impondo normas de conduta, normas morfológicas e de classificação sobre os corpos, suas funções, papéis e relações sociais. Todavia, se Foucault, por um lado, destaca esse processo normalizante e opressor da biopolítica, o que denomina *assujeitamento*, por outro ele sugere que se o poder investe a vida, ela mesma é poder. Portanto, corpo, afetos, desejos e sexualidade são também lugares de emergências de contrapoderes, resistências e produções de novas identidades ou subjetividades – o que seria então o *desassujeitamento*.

² Micropolítica seria, de acordo com Deleuze e Guattari (2010, p. 149, grifos do autor), “uma analítica das formações do desejo no campo social - diz[endo] respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de ‘molar’[ou macropolítico, aquele das políticas de Estado e partidárias]) se cruza com aquele que chamei de ‘molecular’[micropolítico, a instância não apenas intra-institucional ou organizacional das relações de poder, mas também suas dimensões psicológicas, cotidianas]. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição (...) na física quântica (...) foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, *as lutas sociais são, ao mesmo tempo molares e moleculares.*” Em outro texto, Deleuze e Guattari (1996, p. 90-3 grifos dos autores) afirmam: “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica e micropolítica* (...) se considerarmos os grandes conjuntos binários, como os sexos ou as classes, vemos efetivamente que eles ocorrem também nos agenciamentos moleculares e que há uma dupla correspondência recíproca, pois os dois sexos remetem a múltiplas combinações moleculares, que põem em jogo não só o homem na mulher e a mulher no homem, mas a relação de cada um no outro (...) mil pequenos sexos (...) se o molecular opera no detalhe [nos valores, crenças, desejos e percepções individuais] e passa por pequenos grupos, nem por isso ele é menos coextensivo a todo campo social, tanto quanto a organização molar [Estado, partidos, instituições]”.

intermédio do qual as relações de poder se transmitem de maneira intermitente (FOUCAULT, 1999; DELEUZE; GUATTARI, 2010; PRECIADO, 2014; RUBIN, 2017).

O ESTIGMA DO CORPO EXAGERADO

Segundo Goffman (1975), a palavra *stigma* é originária da Grécia Antiga e se referia aos sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo ruim sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais no corpo eram feitos com cortes ou fogo, evidenciando que o portador era escravo, um criminoso ou um traidor, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.

O estigma não era só uma marca social, era também uma marca moral aos olhos da sociedade. Mais tarde, na era cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro referia-se a sinais corporais de graça divina, como flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa referência religiosa, simbolizando sinais corporais de distúrbios físicos. Atualmente, o termo é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.

As atitudes dos considerados normais, na contemporaneidade, prevalece com uma ideologia que justifica a inferioridade do outro, baseada na ideia que representam perigo para a sociedade e os afastam das relações sociais com estigmas, deixando marcas profundas com as discriminações, e que, muitas vezes, são considerados “não humanos”. Esses não humanos representam o perigo social. Douglas (1984) argumenta que a reflexão sobre a ordem e a desordem social é uma reflexão sobre o sujeito enquanto construção simbólica daquilo que deve ser evitado e eliminado. Nesse sentido, o estigmatizado é o sujeito. Ele é aquele que está fora do lugar, uma ameaça à ordem e, assim, é considerado desagradável, aquele que não se enquadra no sistema classificatório vigente, alguém que, por seus atributos desvirtuantes do modelo social tradicional, está sempre na liminaridade, ou seja, em um estado de suspensão e não adequação aos contextos ou estruturas sociais considerados normais (TURNER, 1974).

Nesse mesmo sentido, Foucault (1999) discute a produção histórica-discursiva do anormal. Ele cita três exemplos da constituição do anormal nos séculos XVII e XVIII: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. O monstro humano é aquele que viola as leis da sociedade e as leis da natureza. O indivíduo a ser corrigido é aquele que pode ser reeducado para viver em sociedade. Daí o desenvolvimento dos estudos

sobre criminologia. A criança masturbadora é aquela que poderá desenvolver patologias mentais, físicas ou morais e transmitir isso ao longo da vida para seus descendentes, conforme a teoria da degeneração, influenciada por Lombroso e Morel.

Os fisiculturistas vivem o espetáculo de corpo “sarado”, mas não fazem parte do modelo de corpo ideal, não são considerados belos comparados aos padrões estéticos dominantes das sociedades ocidentais contemporâneas. Portanto, sofrem estigmas sociais por serem diferentes do modelo hegemônico atual. Ao consumirem esteroides anabolizantes e suplementos alimentares visando a construção de uma forma hipermusculosa, constroem uma identidade social que, na prática, contesta o discurso midiático que associa a musculosidade e a baixa adiposidade a corpo saudável.

Para Sabino e Luz (2014), os fisiculturistas:

Geralmente participam de competições de *bodybuilding* e são os que amejam saber específico e ascético sobre como construir, através de exercícios, suplementação alimentar, dietas, drogas e fármacos, um corpo adequado à representação de perfeição da forma entre eles. Este saber os leva a se fecharem entre si, conversando sobre os temas que interessam ao grupo e as práticas que o constituem. [...] estes grupos parecem se tornar ilhas de ordem e virtude que rechaçam qualquer tipo de tema, comentário ou argumento que não esteja relacionado às práticas de construção da forma física e da aquisição progressiva e ascética dos objetivos prescritos para os treinos (p. 470).

O estigma social está relacionado com as características particulares de um grupo ou indivíduo, cuja forma ou comportamento se opõe, de certa maneira, aos padrões considerados culturalmente normais dentro das tradições de uma determinada sociedade. Baseado neste contexto, o indivíduo estigmatizado sofre com a insegurança na convivência social com os ditos “normais”, levando à incerteza ocasionada pelos seguintes motivos: nunca saberá em qual categoria será colocado e, também, mesmo quando a colocação for favorável, intimamente, ficará sempre sentindo-se estigmatizado ou fora do contexto social. A sensação de não saber aquilo que os outros estão realmente pensando dele, faz com que se sinta sempre em exibição. Assim sendo, qualquer acontecimento, seja qual for, será sempre avaliado como sinal de incapacidade, acarretando conflitos diversos em seu comportamento.

Jaeger e Goellner (2011) analisaram a relação entre a potencialização muscular e as representações de feminilidade que circulam no fisiculturismo. As análises indicam que há um investimento para que as mulheres preservem atributos culturalmente relacionados a uma representação de feminilidade normalizada. Algumas são capturadas por esse discurso,

enquanto outras reagem e resistem, indicando que uma arquitetura corporal muscularmente potencializada não estraga a mulher. Nesse aspecto, essas fisiculturistas, algumas vezes mesmo sem saberem ou com baixa reflexividade, contribuem, como pessoas fora das estruturas, ou desviantes, a transformar as mesmas estruturas (SABINO; LUZ, 2011), posto que, em suas práticas, questionam a naturalização de gênero. Com efeito, a percepção do senso comum a respeito das fisiculturistas relegando-as a seres estranhos e descodificados está diretamente associada às relações de poder de gênero; conforme Gayle Rubin (2017, p. 31):

O gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente. Ele é produto das relações sociais de sexualidade. Os sistemas de parentesco se baseiam no casamento. Eles, portanto, transformam pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino em “homens” e “mulheres”, como se cada uma dessas metades incompletas só encontrasse a completude quando unida à outra [...]. Mas a ideia de que homens e mulheres são duas categorias mutuamente excludentes deve vir de algo diferente de uma oposição natural – que, por sinal, não existe.

Deveras, as categorizações sociais ou representações coletivas que organizam o universo simbólico de todas as culturas, tornando “natural” o que é social, demonstram sociologicamente que crenças e práticas, por serem ilusões coletivas, deixam de ser ilusões por serem coletivas. A forma física que cada sociedade associa ao par de oposição binária masculino/feminino, longe de ser uma expressão de diferenças imutáveis geneticamente é uma construção sociocultural, o que significa dizer que é produto de relações de poder que demarcam comportamentos e estética via repressão. Nos homens o que quer que seja relacionado aos traços femininos deve ser condenado e vice-versa nas mulheres. Destarte, ainda de acordo com Rubin (2017): “a divisão dos sexos tem como efeito suprimir certas características de personalidade de praticamente todas as pessoas, homens e mulheres”.

Essas mulheres, praticantes assíduas do fisiculturismo, são reconhecidas como monstros e não psiquicamente saudáveis, reafirmando estigma social. Para Jaeger e Goellner (2011), a espetacularização e a disseminação do culto ao músculo atravessam diferentes classes sociais, idades, etnias, sexos e culturas. Vale ressaltar que, diante dos investimentos contemporâneos na aparência, o músculo trabalhado, tonificado e volumoso assume uma posição central na construção de corpos cada vez mais elaborados e hipertrofiados (CASTRO et al., 2016).

A ETNOGRAFIA NA MUSCULAÇÃO

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob o registro CAAE 87604218.6.0000.5259. Foram realizadas observações participantes, etnográficas e diretas em uma academia da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, buscando compreender o estigma do corpo da mulher fisiculturista. Foram realizadas entrevistas informais na academia, registradas, posteriormente, em um diário de campo.

A pesquisa etnográfica foi construída a partir de leituras de clássicos da antropologia, tais como: Malinowski (1976), Gluckam (1980), Geertz (1989), Radcliffe-Brown (1965). A observação sistemática concentrou-se nas falas, expressões e os jargões próprios dessa tribo. As entrevistas informais foram analisadas à luz do referencial socioantropológico.

Para responder aos questionamentos do presente estudo com base teórica e metodológica, buscamos utilizar o conceito de estigma reelaborado por Goffman (1975; 2009), que buscou, ao longo de sua obra, analisar os chamados “desvios sociais”, além das relações institucionais e a reflexividade dos atores sociais ao manipularem seus papéis nessas instituições e relações face a face. Estes são meios estabelecidos pela sociedade de categorizar os indivíduos e conferir atributos considerados comuns e naturais, como forma de globalizar o ideal de normalidade determinado pela relação hegemônica nos ambientes sociais, excluindo, portanto, os indivíduos que não preenchem as expectativas previstas nas relações sociais, constitutivas de um determinado grupo ou instituição.

Na década de 1980, dentro das academias, era incomum ver mulheres treinando ou até participando de alguma competição. Em certas culturas, a coesão social está estreitamente ligada ao sentimento de solidariedade entre seus membros e questões relacionadas às mulheres são vistas como ameaças à solidariedade masculina, sendo apontadas como um problema enfrentado pelos homens. Em uma ordem social em que a lealdade dos homens entre si é o fundamento para a guerra e para a solidariedade do grupo local, o vínculo com as mulheres representa a maior ameaça, tanto interna quanto externamente. Nesse contexto, as mulheres são consideradas o problema (STRATHERN, 2006; BOURDIEU, 1998).

Por outro lado, o avanço democrático ao longo do século XX contribuiu para o declínio de uma masculinidade fundada estritamente sobre a força, a coragem e a honra, em proveito de uma masculinidade na qual a palavra substitui o gesto. Dessa maneira, o afrontamento cede lugar à mediação, fenômeno estritamente relacionado à chegada dos

procedimentos democráticos. Tal fato contribuiu para a maior inserção das mulheres na esfera pública via valorização da linguagem (SOHN, 2009).

As academias de ginástica eram regiões nas quais as mulheres não deveriam entrar. Locais estritamente masculinos, com pesos, ferrugem, cheiro de suor. As poucas mulheres que haviam apenas observavam e acompanhavam seus maridos. Wacquant, em sua obra sobre a prática do boxe, denominada *Corpo e Alma* (2002), estudou a prática do boxe em um bairro pobre e majoritariamente negro da cidade de Chicago, no qual imperava discriminação e marginalização de parte significativa da população. O estudo insere-se num percurso etnográfico com observações diretas e participantes que implicaram um intenso convívio com treinadores, fisiculturistas profissionais, amadores, médicos, militares, bandidos, pugilistas. A academia de boxe era um espaço de diversidade cultural, desde que o feminino fosse excluído.

O autor estudou negros e pobres excluídos da sociedade, mas interagindo em um contexto de pugilismo, o qual se torna um espaço de sobrevivência, de busca por uma identidade, de luta por ascensão econômica e pertencimento social. Segundo o autor, nas décadas de 1980 e 1990, os fisiculturistas assistiam vídeos dos treinos de Arnold Schwarzenegger e sua equipe. Era a legitimação dos saberes “não científicos”.

Sabino et al. (2010) afirmam que, nas classificações dos fisiculturistas cariocas masculinos, o centauro aparece como modelo simbólico. O cavalo surge semanticamente como sinônimo de grosseria, estupidez e burrice, mas também de força e imponência, conforme a circunstância. Entre os *bodybuilders* estudados, esse animal é emblema de poder e força, assim como o cão *pit bull* representa força, bravura e destemor (SABINO et al., 2010). Contudo, não há definição precisa da representação do feminino nas academias de fisicultura.

Rezende (2002) afirma que, nos estudos etnográficos, é preciso negociar os espaços com os sujeitos, sobretudo quando se pretende construir uma relação de amizade e de afetos. A relação de amizade põe em foco noções culturalmente construídas de pessoa. Estudar discursos e práticas no campo etnográfico envolve negociar espaço pessoal, identidades de gênero e classe. Nesse sentido, conversar com as fisiculturistas é um desafio para todo aquele que não é fisiculturista.

De acordo com Jaeger e Goellner (2011), a potencialização muscular e a produção de feminilidades mantêm uma intrincada relação que constitui, atravessa e marca, de diferentes

modos, a construção da vertente feminina no fisiculturismo. Essas mulheres vivem dilemas quanto ao perigo da masculinização. Muitas fisiculturistas foram e ainda são chamadas, em diferentes momentos da cena esportiva, a posicionarem-se a favor da defesa de sua feminilidade.

O estudo etnográfico fisiculturista oferece um horizonte comparativo para observar os valores do corpo *fitness*. Nesse diapasão, a rejeição ao corpo excessivamente musculoso pode ser interpretada como a rejeição ao vigor que ele denota e que é historicamente associado ao masculino. As mulheres do *fitness*, por seu turno, parecem se adequar a valores que conferem ao corpo feminino a passividade de uma peça de exposição. Daí o caráter perigoso das fisiculturistas: elas se recusam a um lugar de corpo passivo, afirmam antes um corpo potente, invertendo a lógica tradicional de gênero vigente na maior parte das relações sociais.

O pertencimento a um grupo social permite ao sujeito construir um sentido estrito, já que não tem capacidade de interação coletiva em um padrão estável e totalizador de interação mútua. Portanto, Goffman (1975), em seu estudo sociológico das pessoas estigmatizadas, se refere ao termo “grupo”, “nossa gente”, “tribo”, correlacionando uma categoria de membros reunidos em pequenos grupos sociais, cuja a organização seja consolidada como sujeitos pertencentes à sociedade, sem rótulos sociais, como a categoria em questão:

[...] as pessoas falam que hoje... sem malhar e sem tomar bomba estou na minha melhor fase, mas não sinto isso... estou fora de forma, me sinto um peixe fora d'água, quero voltar para minha “tribo”. Sempre fui feliz com os fisiculturistas, conheço muita gente desse meio. Isso é muito bom! [...] só quero voltar para meu meio, minha “tribo” (B, 40 anos, casada).

Outras formas de pertencimento social são as apresentações feitas pelos estigmatizados com as competições, onde há plateias diversificadas (seguidores, partidários ou até mesmo defensores de tais representações). Normais e estigmatizados misturam-se. Todavia, são os “nativos” que se apresentam no palco exibindo seus corpos para a admiração da plateia, em um momento “mágico” de superação, expressado em sentimentos compartilhados, consolidados e estabilizados, numa ideologia de vida.

[...] quando subo no palco, sinto uma paixão. É como se eu já tivesse nascido ali. Existe uma diferença entre os fisiculturistas e o competidor. O competidor vai lá atrás de troféus... O fisiculturista vai atrás de realização, de paixão e para mostrar ao público e fã a arte de transformar seu “shape”.

Quando estou lá, o mundo “para” e eu só enxergo a minha alma (A, 47 anos, casada).

[...] sinto muita falta de subir nos palcos, é muito bom... mas, por enquanto, vou terminar os meus estudos, depois volto com força total aos palcos. Gosto muito (S, 30 anos, solteira).

No mundo esportivo, a luta das mulheres foi fundamental para apropriação do espaço existente e também para a criação de novos espaços. Os estudos sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte obtiveram grande avanço, mesmo nos pontos de conflitos. Estes eram oriundos de questões de gênero. Em alguns esportes, homens e mulheres tornaram-se “unissex” e, em outros, vistos como potencialmente masculinizantes para as mulheres (ADELMAN, 2003). Com efeito, neste contexto e sob essas representações de gênero, a forma hegemônica de representação da mulher era constituída nos moldes dos papéis tradicionais, família, casamento e domesticidade.

Segundo Butler (2001), os discursos e as práticas em torno dos corpos são efeitos de uma dinâmica do poder, de tal forma que a matéria dos corpos se torna indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação de seus efeitos materiais. A construção do sexo não aparece mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos.

No fisiculturismo, mulheres se enquadraram na prática e enfrentam o cenário de preconceito social, das diferenças físicas e das práticas esportivas que masculinizavam, tornando a mulher “anormal” ou supostamente lésbicas. Esse conflito da sexualidade é constituído pelos discursos dominantes, para restringir, como forma de limitação estética, o lugar subalterno das mulheres nesse esporte. Observa-se que, na contemporaneidade, o corpo ideal feminino, considerado belo pelos padrões vigentes, é magro, e “pouco musculoso”, processo social que visa a padronização desse corpo, dando ênfase a aspectos simbólicos e práticos que promovem a reprodução das estruturas desiguais das relações entre gêneros por intermédio dos sentidos vinculados à aceitação do *status quo* que produz e reproduz o universo social. Contrapondo esse controle exercido pela dominação masculina, as atletas fisiculturistas profissionais consomem esteroides androgênicos anabólicos (EAA), hipertrofiam o volume de massa muscular e buscam a baixa adiposidade, construindo, via equiparação estética, um enfrentamento à essa mesma dominação.

[...] minha mãe disse que eu estava ficando parecida com homem e que estava ficando feia [...] na academia onde trabalho, uma aluna me perguntou se eu era transexual. Eu fiquei com raiva e falei se ela tinha alguma coisa com isso. Cara, fiquei muito brava [...] uma aluna disse que eu estava muito forte e que parecia homem... (M, 28 anos, casada).

[...] na década de 80 e 90 só existia a categoria Culturista Feminina, e eu precisaria fazer uso de muito ergogênicos, o que eu não queria, por ser muito jovem. Então, quando criaram a categoria *Woman's Physique* comecei a competir. Três anos depois acabaram com a categoria Culturista Feminina. Achei uma “sacanagem”. Quando se chega naquele nível é difícil descer de categoria e a maioria teve que deixar de competir [...] (A, 47 anos, casada).

Sendo um lugar comum a todos, mesmo que cada um tenha seu propósito, esse mundo é muito complexo, cada indivíduo age de uma forma diferente em relação a outra, cada agente social encena sua subjetividade, muitos se sentem mais autoconfiantes com a construção do corpo identificado ao contexto da prática. Assim, estar em grupo é gerar riqueza de compreensão social dentro da ótica de elementos que o mundo *Bodybuilding* proporciona ao sujeito. Fazer parte dessa ótica é pertencer ao mundo, colocando para o exterior todos os sofrimentos imprimidos ao corpo. Por essa razão, as práticas corporais possuem um poder de fazer viver. Para as fisiculturistas do presente estudo, o intuito de estar em grupo promove bem-estar nas relações com outros fisiculturistas, construindo, assim, uma realidade social própria associada a um tipo singular de identidade a qual, ao propor suas características, se contrapõe ao modelo tradicional do que vem a ser mulher, em um processo sociológico que poderia – da perspectiva hegemônica – ser considerado desviante. Com efeito, quando se encontraram no mundo *Bodybuilding*, essas mulheres superaram o preconceito da estigmatização e o não pertencimento social do mundo dos “normais”.

[...] tive muitos problemas emocionais com os preconceitos que sofri. [...] para as pessoas, nós somos fúteis, puta e prostitutas. Sofro preconceito todos os dias nas redes sociais e não consigo ficar quieta, não consigo não responder... me chamam de puta, vadia, vagabunda, qual é o meu preço [...] (S, 30 anos, solteira).

[...] na academia onde trabalho, uma aluna me perguntou se era transexual eu fiquei com raiva e perguntei: o que você tem com isso? Eu sou operada...risos. Cara, fiquei com muita brava. Sem noção! (M, 28 anos, casada).

[...] já falaram alguma coisa sobre ser masculinizada, mas não me afeta. Me sinto mais feminina agora do que antes, malho desde 13 anos, subo no palco há 6 anos, isso não me afeta. Compito nos Estados Unidos, e lá as pessoas gostam de ver um *shape* musculoso em mulheres [...] (A, 47 anos, casada).

Butler (2006) afirma que os termos que conferem um caráter “humano” a alguns indivíduos são os mesmos que privam outras pessoas da possibilidade de se beneficiarem desse estatuto, diferenciando o humano e o menos humano. O gênero, como modo de configuração cultural do corpo, está sempre aberto às reconstruções continuadas, podendo ser articulado e rearticulado pelos atores sociais em um embate no qual a “anatomia” e o “sexo” inscritos necessariamente como produtos desses mesmos quadros culturais são questionados – resignificando ou recriando novas práticas de gênero – o que pode contribuir para mudanças nas relações de poder. Tal exemplo é a dor decorrente da prática da fisicultura.

Esses homens (e mulheres) inscrevem em seus músculos a marca da disciplina rígida traduzida na dor dos exercícios pesados e repetidos durante anos de prática nas academias. O regozijo da dor, típico de um ascetismo singular, parece significar que na era na qual a busca do prazer tornou-se norma, o sentido da dor também pode ser uma maneira de afirmar a vida e a diferença. Todavia, esse processo reitera a reprodução pela busca incessante do prazer que a sociedade do consumo e do espetáculo engendra. Talvez uma ética ascética misturada à outra neorromântica. Arriscar a vida tomando substâncias tóxicas como esteroides anabolizantes e estimulantes como efedrina ou mesmo a insulina é outro aspecto da apologia ao risco e à dor que sistematiza a identidade do grupo (SABINO; LUZ, 2014, p. 476).

Ao conversar com as fisiculturistas, a primeira fala foi sobre os convites importunos para programas sexuais. Algumas chamam atenção pelo corpo com barriga chapada, cintura larga, muito bumbum, coxa grossa, e peito siliconado. Essas mulheres são assediadas constantemente.

[...] sofro estigma o tempo todo, nas ruas, na academia. As minhas amigas têm inveja do meu corpo, é muito ruim. Às vezes, penso que dentro da academia tenho amigas, mas no campeonato são totalmente diferentes. É muito chato e muito triste [...] (A, 26 anos, casada).

Ao observar as interações humanas no grupo pesquisado, percebemos que as condutas são diretamente relacionadas aos cenários em que os indivíduos estão imersos, apostando na imagem tudo que se quer projetar. Sendo assim, são atrizes interpretando papéis diante uma plateia (GOFFMAN, 2009).

Podemos afirmar que o estigma é uma forma de defesa criada pelos grupos estabelecidos para destruir a reputação daquele que se desviam do seu modo de vida, porque esse desvio coloca um pano de fundo comparativo que contrasta com valores supostamente

universais do grupo dominante. Desta forma, também parece que essa oposição entre passividade feminina e caráter potente ativo do corpo musculoso está, inclusive, colocado em outro contexto das práticas corporais que podemos denominar como sendo o mundo do *fitness*, uma outra “tribo” das academias de musculação, que também se baseia na oposição entre homens e mulheres, contudo, de forma mais suave que o fisiculturismo.

A produção dos corpos na musculação do mundo *fitness* entre os homens está referenciada pela potência, pela força, pelo vigor. Todavia, quando se trata dos padrões do grupo em relação às mulheres, tais padrões (no sistema classificatório dos extratos dominantes da sociedade) estão diretamente associados à passividade, ausência de musculosidade excessiva, se comparada às fisiculturistas, e presença da delicadeza. Nesse sentido, porém, o estigma também ocorre, por mais que seja implícito, e que não haja uma oposição direta entre *fitness* e fisiculturismo. No estudo de Wacquant (2002) também não há uma oposição entre o crime organizado do gueto e os pugilistas da academia de boxe, mas é a partir deste aspecto oposicional, contudo complementar, que se torna sociologicamente possível compreender um modo de vida que ajuda a entender todo o funcionamento do gueto. São modos de vida que, pelo efeito contrastivo em relação a outros, permitem a iluminação recíproca; em outras palavras, o entendimento da dinâmica presente nos contextos sociais

CONCLUSÕES

O caso das mulheres fisiculturistas nos permite observar as especificidades do capital social, o conjunto de práticas, saberes, relações e influências (BOURDIEU, 1984, 1997, 2001) associado ao corpo feminino, em dois campos distintos: os palcos da competição esportiva *bodybuilder* e as academias *fitness* da zona sul carioca. O trânsito percorrido pelas atletas é o próprio exemplo de deslocamento entre dois conjuntos de valores muito distintos – e talvez mutuamente conflitantes – atribuídos à musculação feminina.

O campo (BOURDIEU, 1998) da fisicultura é fechado, pois não confere liberdade e autonomia para qualquer sujeito nele transitar. As regras do jogo são determinadas pelas competições essencialmente masculinas que estabelecem categorias de corpos. As mulheres aparentemente são *insiders* no campo, mas por outro lado são *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 1994), porque não comungam no processo na construção das regras, não tem autonomia para decidir os modos de apresentar o corpo, essencialmente masculino.

De um lado, o corpo forte, vigoroso, potente; de outro, o corpo como objeto de exposição pública e, implicitamente, do desejo. Associado ao gênero masculino, o corpo fisiculturista é também um símbolo de potência ativa, em franco contraste com a passividade associada ao feminino que é reproduzida no corpo fitness, concebido como uma peça de exposição espetacular. A concepção de objeto de desejo que subjaz, implícita ao corpo fitness espetacularizado preserva, na mão dos homens, o monopólio da agência, sendo eles os principais sujeitos da ação desejante.

Os estudiosos do desvio social, como Goffman, Mary Douglas, mas também Elias e Scotson (1994), concordam em ver nos grupos desviantes um modo de vida que, por efeito de contraste, põe em dúvida a suposta universalidade dos valores estabelecidos. O estigma seria, nesse sentido, a reação ao perigo que o grupo estigmatizado representa aos olhos do grupo hegemônico. Por conseguinte, valeria a pena indagar se o estigma com o qual as mulheres fisiculturistas são marcadas decorre mesmo de sua suposta monstruosidade ou se, com seus corpos expressivos de uma potência ativa historicamente negada ao gênero feminino, elas não lançam luz sobre a submissão voluntária das mulheres *fitness*, as quais, conquanto se exercitando, permanecem referenciadas antes pela exposição passiva do corpo feminino, mais adequado ao modelo tradicional e dominante do que é ser e ter uma estética de mulher do que por sua potência ativa.

As falas das atletas pesquisadas demonstraram como a dominação patriarcal ainda é constituída num universo que reflete a heteronormatividade apontada pela divisão social na contemporaneidade. Observa-se que as fisiculturistas sofrem estigmas, preconceitos e violências, em diferentes espaços sociais, uma vez que o fisiculturismo ainda se apresenta atribuído a um campo masculino. Nesse viés, o modelo hegemônico de corpo feminino ainda é fortemente representado como o oposto do corpo musculoso.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.

BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus**, v. 7, n. 1, p. 104-119, 2009.

BOURDIEU, P. **Pouvoir symbolique**. Paris: Seuil, 2001.

_____. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

_____. **Méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

_____. **Questions de sociologie**. Paris, Ed. de Minuit, 1984.

BUTLER, J. **Défaire Le Genre**. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CASTRO, J. B. P.; MATTOS, R. S.; PASSOS, M. D.; AQUINO, F. S. D.; RETONDAR, J. J. M.; MACHADO, A. S. **Alimentação, corpo e subjetividades na Educação Física e na Nutrição: o ranço da adiposidade e a ascensão dos músculos**. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, n. 3, p. 803-824, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DOUGLAS, M. **Purity and danger: an analysis of the concepts of pollution and taboo**. New York: Routledge, 1984.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems**. 2. ed. London: Sage, 1994.

FOUCAULT, M. **Lex anormaux**. Paris: Seuil, 1999.

_____. **Résumé des cours (1970-1982)**. Paris: Julliard, 1989.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLUCKAMN, M. **O material etnográfico na antropologia social inglesa**. GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. 2 ed. São José: Francisco Alves, 1980

GOFFMAN, E. **Stigmaté**. Paris: Editions de Minuit, 1975.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. **O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no Fisiculturismo**. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 955- 975, 2011.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PERROT, M.; DUBY, G.; PARRISE, G. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. IV. O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **The Andamam Islanders**. Chicago: The Free Press, 1965.

REZENDE, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

RUBIN, G. **Políticas do Sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

SABINO, C.; LUZ, M. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 467-490, 2014.

SABINO, C.; LUZ, M. Espelho da alma. Teoria social e subjetivação em um conto de Machado de Assis. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, n. 1, p. 237-250, 2011.

SABINO, C.; LUZ, M.; CARVALHO, M. C. O fim da comida: suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 17, n. 2, p. 343-356, 2010.

SABINO, C.; LUZ, M. T. Ritos da forma: a construção da identidade fisiculturista em academias de musculação na cidade do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, v. 3, n. 1, p. 51-68, 2007.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 139-188.

SOHN, A-M. **Sois um homme**: Construction de la masculinité au XIXe siècle. Paris: Le Seuil, 2009.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Unicamp, 2006.

TURNER, V. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WACQUANT, L. J. D. **Corps et ame: carnets ethnographiques d' un apprenti boxeur**. Paris: Agone, 2002.